

ILUSTRACÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS
 PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO
 CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA
 PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS
 PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1 \$000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1884 NUMERO 15

CHRONICA DA SEMANA

SUMMARY:—Falta de pagamento de uma divida nacional — As nossas colonias.

A VILLA de Manteigas, situada na abada Serra da Estrella, foi no anno transacto, invadida por epidemia de typhos, que victimou grande numero dos seus habitantes.

A intensidade do mal foi tão progressiva, que em poucos dias estavam de luto quasi todas as familias da villa e entre os individuos, ceifados pela mortifera molestia, contavam-se o medico, as auctoridades e os enfermeiros, que dedicada e espontaneamente cuidavam dos enfermos.

A imprensa do paiz conhecida d'aquella calamidade pedia providencias ao governo e este offercia largas recompen-



MESTRE ESCOLA CHINEZ

sas aos facultativos, que quizessem prestar os seus serviços clinicos áquella povoação, dizimada pela morte, e da qual todos tinham receio de acercar-se, porque a fatalidade levantava em volta d'ella uma barreira de cadaveres.

Foi n'esta conjunctura grave e solemne que um rapaz de tanto talento, como coragem, que um medico distincto e estudioso, que um homem moço, com um largo futuro diante de si, se offerceu ao governo para ir acudir áquelles desgraçados, sem impôr uma unica condição interesseira e exigindo, apenas, que o estado lhe abonasse as despesas de transporte diario entre a cidade, em que elle residia e onde tinha a sua clinica, e a villa flagellada pela cruel epidemia.

Por intermedio do governador civil do districto, foi accete a condição e o dr. Sobral com a placidez de animo dos que consideram a sciencia um culto e se fazem seus ministros, entrou em Manteigas, organisou o serviço clinico, acudiu a todos os enfermos, adoptou e executou diversas medidas hygienicas, e á custa de heroicos sacrificios, de disvellados cuidados, de uma dedicação sem igual, em circumstancias identicas, conseguiu dominar a epidemia e triumphar da morte, tornando-se para aquella gente um como nome tutelar, uma segunda providencia.

O paiz saudou então o benemerito medico e não houve jornal que lhe não tecesse elogios, não houve encomio que lhe não fosse dedicado.

A patria deu-lhe a consagração de benemerito, o povo fez-lhe em vida o processo da canonição historica.

Por esse lado a nação desobrigou-se com o illustre cidadão da divida de reconhecimento de que elle era e ficou sendo sempre credor.

Com o governo não aconteceu, porém, assim!

O dr. Sobral tinha exigido que lhe fossem abonados transportes diarios e podia ter imposto ao governo que montasse um serviço especial de trens, com mudas e outras despezas d'esse genero. Não quiz! Comprou dois cavallos e para fazer economias ao estado não se poupava a si proprio, sujeitando-se ao exercicio violento de uma jornada a cavallo, depois de horas consecutivas de trabalho penoso, activo e fatigante.

Isto é mais um florão na corõa de gloria do heroico medico e uma prova evidente das virtudes civicas d'aquelle grande caracter.

Querem agora os leitores saber como o governo se desempenhou da sua divida e cumpriu a condição do seu contracto?

Não pagando ainda as despezas feitas pelo prestimoso clinico com a compra e sustento dos cavallos e com o gasto das jornadas.

Este factõ não tem commentario possivel. A penna recusa-se a qualifical-o, porque teria de recorrer ao vocabulario mais infimo, onde só podia encontrar o termo proprio para significar uma tal baixeza.

E não venham defender o governo com as formalidades burocraticas das secretarias, por onde corre o processo, porque esse expediente aggravaria mais ainda a miseravel posição, em que se acham collocados os altos poderes do estado, em vista d'este factõ vergonhoso, indecoroso e humilhante.

Havemos de voltar ao assumpto.

×

Nós somos por todos os melhoramentos coloniaes e não regateamos as despezas que o thesouro faça para engrandecer e tornar prosperas as nossas possessões ultramarinas.

Infelizmente, tem-se feito pouco em prol dos immensos territorios, que possuimos lá fóra e esse pouco caro e mal aproveitado.

A miseria das nossas colonias tem uma causa conhecida e unica — o erro politico de todos os governos em fazerem da pasta da marinha e ultramar o noviciado politico de todos os homens publicos.

É verdade que aquelle ministerio tem sido o vestibulo da carreira politica de muitas notabilidades; é verdade que brilhantissimos talentos tem passado por aquella secretaria, mas ou porque a administração colonial lhes fosse pouco familiar, ou porque são grandes as difficuldades em promover os melhoramentos de que carecem as nossas possessões, o que é certo é que não houve ainda um ministro que lançasse sequer as bases de um plano amplo e rasgado de administração colonial.

Nós sabemos que é difficil realizar esse plano; nós sabemos que as forças do thesouro não consentem grandes dispendios; nós conhecemos que é difficil a resolução do problema colonial; mas sabemos tambem que se pôde melhorar consideravelmente o estado actual das nossas possessões, e para isso bastaria haver tino na escolha do pessoal que para lá mandamos, confeccionar leis protectoras e sabias e animar os colonos com certas regalias, desviando assim a corrente de emigração que ha para o Brazil.

A Africa é um paiz novo, uma natureza esplendida, uma fonte de riqueza não explorada ainda. Em Africa ha zonas climatericas mais salubres do que as da Europa. Finalmente, a Africa pôde compensar todos os sacrificios que por ella faça a metropole.

Estas considerações foram-nos suggeridas pela noticia da construcção de uns vasos de guerra, destinados a manterem o nosso direito nas nossas possessões africanas.

Louvamos o ministro que se lembrou de fazer esse beneficio ás nossas colonias, mas desejavamos mais do que isso, queriamos que na proxima sessão legislativa o sr. conselheiro Manoel Pinheiro Chagas confirmasse a reputação do seu talento com uma proposta de lei exequivel, na qual se contivesse uma reforma completa da nossa administração colonial.

DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A INSTRUÇÃO na China está muito mais espalhada do que geralmente se crê. As escolas são bastante numerosas.

A nossa primeira gravura apresenta-nos um professor da lingua chinesa.

Estes funcionarios são geralmente letrados, que por qualquer circumstancia se viram inibidos de chegar aos graus das funcções civis.

O ensino nas escolas chinezas é feito sobre o *San-tse-king*, livro sagrado attribuido a um discipulo de Confucio, e que é uma curiosa encyclopedia das sciencias.

Mais diffundida do que na Europa, a instrucção na China estende até ás mais insignificantes aldeias a sua benefica influencia.

É rarissimo encontrar um chinez que não saiba lèr.

×

Refere-se ainda ao celeste imperio a nossa segunda gravura.

O solo chinez é cultivado com grande esmero. Pòde dizer-se que n'aquelle vasto paiz não existe uma pollegada de terreno maninho. É tal o cuidado que os lavradores põem na cultura do terreno, que as casas occupam pequenos espaços, e para o poupar, as mēdas são muitas vezes feitas nos telhados das habitações, n'uma especie de terraços.

×

A nossa terceira gravura é uma vista do porto de Shang-Hai e do edificio da alfandega d'este grande emporio commercial.

Shang-Hai é uma cidade populosa onde os europeus possuem importantes estabelecimentos. É o mais notavel e opulento dos portos chinezes, apesar do grande movimento commercial que tambem distingue Cantão, Hong-Kong, Swatow, Fooshaow, Annoy, Ta, Takow, Shefoo, Hankow, etc.

×

Pertencem ao ramo mongolico os povos denominados *Yakoutes*. Os individuos d'este ramo são os que apresentam mais evidentemente os caracteres da raça amarella.

A população Yakoute não excede duzentos mil individuos.

O paiz por elles habitado apresenta dois aspectos muito differentes. A este e ao sul é árido e montanhoso, ao oeste e norte é constituído por extensas campinas, cobertas de grandes arvores

muito copadas, e cortado por numerosos rios de uma extensão e profundidade consideraveis.

Apesar d'esta commodidade, os habitantes são pouco engenhosos, e apenas sabem construir uns pequenos barcos ou canoas, onde não cabem mais de duas pessoas.



ALBUM

A tua vida, creança,
de risos e primaveras
enlaça-se, como as heras,
á fragil haste da esp'rança.

É como o viver tafal
d'uma ave em macio ninho,
leito de pennas e arminho,
exposto aos beijos do sul.

É ter o labio entreaberto
ardendo em fulvo desejo
e nunca sentir um beijo
poisar no labio deserto.

Crescer, assim, altaneira
em mundo de desenganos...
É melhor não fazer annos
quem annos faz, faz asneiras.

E se p'r'o anno quizeres
não seguir costumes velhos,
has-de quebrar os espelhos
todos, que em casa tiveres.

MANOEL FLORES.



MINIATURAS

GOETHE

É ESTE o maior nome da moderna Allemanha, o qual começou a ser fallado em 1774, por causa de um romance de genero novo, chamado *Werther*, que obteve um successo prodigioso.

Quando irrompeu a revolução franceza, já Goethe havia publicado bastantes tragedias (*Iphigenia em Tauris*, *Tasso*, etc.) e algumas miscellaneas. Nos annos seguintes continuou a assombrar a Allemanha com as suas muitas e superiores producções litterarias e scientificas (*Tratado ácerca da metamorphose das plantas*, *Theoria das côres*, tragedia *Fausto*, etc.) Napoleão I quiz vêr em Erfurt o celebré escriptor, e condecorou-o com a gran-cruz da Legião de Honra.

Doce lhe correu a existencia nos paços do duque de Weimar, que o protegera desde os floridos annos.

Morreu em 1832, na idade de 83 annos, depois de haver publicado numerosas *Memorias* em diversos ramos de sciencias physicas.

Este poderoso talento, como poeta, não teve ainda rival no seu paiz, depois da publicação do *Fausto*; como pensador, não é exemplo de pureza e elegancia; porém, como moralista está, em certos lanços, de boas avenças com Voltaire, contribuindo por isso largamente para o progres-

so do scepticismo religioso. O *Fausto* foi brilhantemente trasladado a portuguez pelo sr. visconde de Castilho. Ahi está o *Fausto*, ahi têm os portuguezes o poema que esfervilha na cabeça estonteada de duas gerações, o mais profundo e abstruso livro do mundo — no dizer de Gerard de Nerval.

Villa do Conde.

M. FLORES.



A AGRICULTURA NA CHINA

CARTEIRA UTIL

HEMORRHAGIA NASAL — EPISTAXIS

DESIGNA-SE em medicina com o nome de *epistaxis* o simples fluxo de sangue pelo nariz ou a hemorragia nasal, a qual é, as mais das vezes, um accidente benigno, mas infelizmente porém algumas é um symptoma precursor de uma doença grave e terrivel.

Uma pancada, uma queda, um accidente qualquer no nariz determinam uma hemorragia, tal é a fragilidade vascular da mucosa.

Um trabalho intellectual demorado, um excesso de comida, uma insolação ou a demora

n'uma atmospheria quente tambem podem produzir a *epistaxis*.

Um polypo, uma ulceração das narinas ou mesmo uma congestão local podem tambem dar-lhe causa.

A diminuição da pressão atmospherica, dificultando o curso do sangue, as doenças do coração, dos pulmões ou do figado são muitas vezes motivo de corrimentos abundantes de sangue pelo nariz.

Os symptomas d'esta doença são: uma sensação de calor congestivo, a inchação das fossas nasaes, um certo peso de cabeça e a vermelhidão do rosto.

Mas a hemorragia principia muitas vezes

sem prodromos, ou immediatamente a um esforço qualquer, e até sem causa apparente que a provoque.

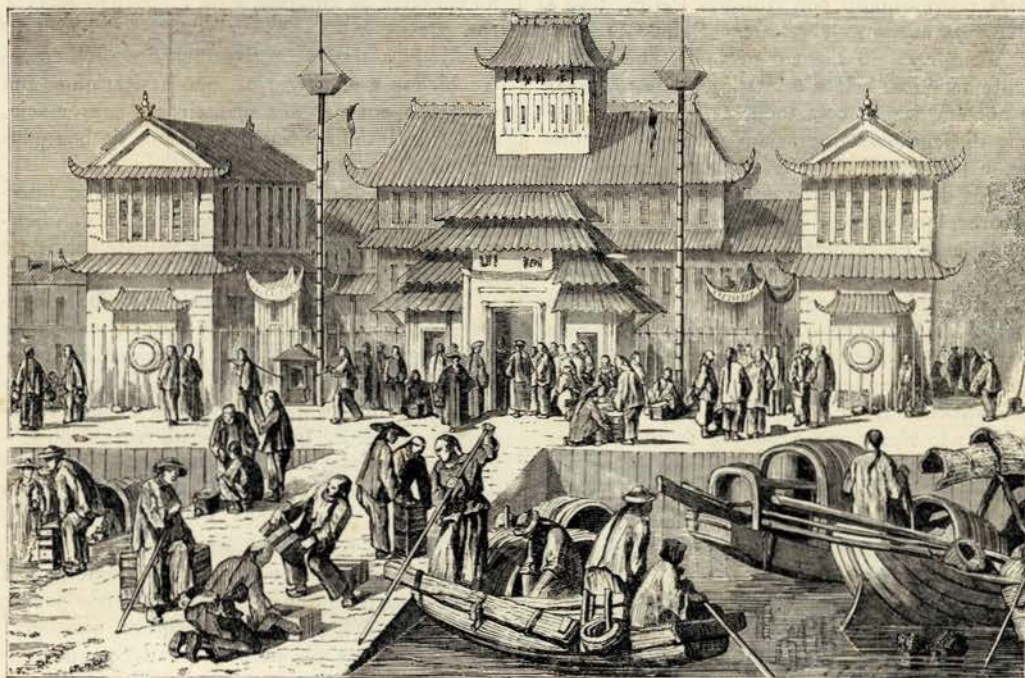
Gotta a gotta, o sangue sae das narinas è às vezes em tal abundancia que causa gravissimos sustos.

A gravidade, porém, da *epistaxis* depende da causa que a produziu e da quantidade do sangue perdido.

Habitualmente o sangue espesso e fibrinoso

coagula-se depressa, e a hemorrhagia pára por si obstruindo as fossas nasaes com os proprios coagulos formados. O sangue disfibrinado, difficilmente coagulavel, sae pelo contrario em extrema abundancia.

A primeira cousa a fazer quando se manifesta a hemorrhagia è collocar o paciente na corrente de um ar puro e fresco, lavar-lhe a testa com agua fria, misturada com vinagre e dar-lhe injecções da mesma agua nas fossas nasaes.



PORTO DE SHANG-HAI, (edificio da alfandega)

Algumas vezes a elevação do braço, correspondente à narina que sangra, è sufficiente para sustar a hemorrhagia e não deixa de ser util o processo vulgar da applicação de um corpo frio, como o aço ou o ferro, na nuca ou no dorso.

Quando, porém, a *epistaxis* resiste a esses meios è de um effeito seguro a solução normal de perchloreto de ferro a 30°, porque è um dos hemostaticos mais efficazes.

O perchloreto emprega-se em injecções de 10 a 20 gottas em meio copo d'agua, e vae-se

concentrando a mistura tanto quanto o doente a supportar.

Se apesar das injecções o sangue continuar a correr, faz-se uma bola de fios que se molha no perchloreto e introduz-se nas fossas nasaes.

Na falta do perchloreto pôde usar-se o vinagre ou os pós de *alumen*, *tannino*, *gomma*, misturados em todas as proporções.

Finalmente, a applicação de *papeis sinapizados*, nas costas, è muito util e quasi sempre de efficaz resultado.

REVISTA DOS THEATROS

A SEMANA foi assignalada com dois beneficios notaveis—o de Antonio Pedro em D. Maria e o da actriz Fantony na Trindade.

Antonio Pedro escolheu para a sua festa artistica a comedia-drama de Feuillet—*Um romance parisiense*, que alcançou um exito notavel no Gymnasio, de Paris, onde o papel, que foi agora representado por Antonio Pedro, teve a interpretação do celebre actor Saint-Germain.

A empreza do theatro normal é sufficientemente artistica, briosa e intelligente para deixar de pôr em scena, com todas as exigencias, por mais dispendiosas que sejam, as peças escolhidas, e por esse lado a critica está sempre dispensada de fazer reparos e tem de limitar-se aos louvores, que merece a illustrada direcção de aquella casa de espectaculos.

Pelo lado artistico, a companhia escolhe certas e determinadas composições, que lá fóra são conhecidas pelo merito intrinseco d'ellas, e pela interpretação, que teem tido, para soffrer o confronto e mostrar que a arte nacional tem cultores distinctissimos e talentos provados.

Nós não vimos no Gymnasio, de Paris, a interpretação que teve o *Romance Parisiense*, mas fosse qual fosse, alligura-se-nos que não foi superior á que lhe deu a companhia de D. Maria e duvidamos que o *ensemble* fosse tão perfeito, e tão consciencioso.

O beneficiado mostrou os recursos do seu provadissimo talento, e se na sua carreira artistica tem tido noites de triumphaes ovações, não foi de certo a noite do seu beneficio a que menos recordações ha de deixar-lhe, porque o publico fez inteira justiça ao laureado actor.

×

O *Boccacio* foi a peça escolhida pela Fantony para o seu beneficio.

Não ha quem não conheça a famosa opereta e se não tenha rido d'aquellas *frescuras* em dois bêmãos, d'aquelles *realismos* em quatro sustenidos.

Foi, pois, o beneficio, um pretexto para irem á Trindade os amadores d'aquelle genero ligeiro e gracioso, que não deixa de ser uma nota alegre na monotona e grave symphonia das lides diarias, com coros obrigados de gemidos e solos de lamentações.

Nós somos pela Trindade e gostamos tambem de ir de vez em quando espairecer n'aquella elegante sala e alegrar-nos com aquellas *pochades* a dois tempos.

A beneficiada teve muitas palmas, muitos ramos, muitos bravos e uma boa casa, que de certo foi o que ella mais estimou.

×

A bicharia do Colyseu continúa a dar aos espectauclos d'aquella casa um aspecto selvagem e brutal, que parece ter influido singularmente no character da empreza e do respectivo secretario.

Ainda assim, se tivéssemos de escolher entre bichos e empregarios, não hesitariamos um momento em dar aos primeiros a supremacia, senão da intelligencia, pelo menos da boa educação.

E, dizemol-o com toda a franqueza, em questões de aceio e de boa apresentação, não hesitariamos em preferir as feras áquelle sordido e acanhado domador.

Não lhe negamos coragem; tem dado sobejas provas d'ella. Mas, esta virtude não pôde supprir todos os requisitos, exigidos em espectaculos frequentados pelo publico de uma cidade de primeira ordem. Demais a mais, se toda aquella gente que vemos no recinto do Colyseu paga integralmente os seus logares, o empregario assim enriquecido devia ter alguma consideração pelo publico, fornecendo ao pobre domador um traje mais apresentavel.

Não censuramos o desgraçado, lamentamos até a sua sorte. O que não podemos deixar passar sem reparo é o egoismo da empreza, que deixa exhibir no circo um domador de leões em traje de gato-pingado.

Se a empreza em vista de tamanha concorrência, está longe de *apanhar calças*, mais uma razão para tractar de reformar esta parte da *toilette* do arrojado domador.

E já nos parece ter fallado de mais a respeito de toda esta bicharia. Francamente, só a empreza Diaz possui o segredo de fazer passar alegremente as noites do Colyseu. Os leões e os pachydermes já se tornam verdadeiramente insupportaveis, mas sendo independentes nas nossas apreciações não podemos deixar de applaudir os insignes artistas Hurley e Dashwray nas tres barras fixas, Ethardo, sobre o globo na espiral, e a troupe Anciallotti nos velocipedes. São uma maravilha.



POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

EM quanto ao luxo interior não havia senão que admirar. Sir Williams era dotado de de fino gosto e possuía uma das mais consideráveis fortunas de Inglaterra, d'esse paiz aonde ainda é permittido a alguns senhores terem administradores, para os ajudarem a gastar os rendimentos.

No momento em que o trem, que trazia da Opera sir Williams e Roberto de Montenac, descrevia um quarto de circulo no pateo, para se approximar do vestibulo, dois criados, com candelabros na mão vieram postar-se nos degraus superiores, depois andando devagar precederam os dois mancebos no interior do palacio.

—Quero ser servido no salão pequeno! tinha dito sir Williams antes de apeiar-se.

Não tinham ainda decorrido dez minutos e já a ceia estava posta na casa indicada, de fórma octogona, com janellas sobre os jardim e toda coberta de estofos de Smyrna com largas fachas prateadas.

Os criados collocaram tudo nos seus logares e sir Williams mandou retirar, com um gesto, essas testemunhas, obrigadas, de todas as conversas intimas.

—Agora conversemos!—disse o lord, depois de ter verificado que o ultimo criado tinha sahido.

—Conversemos! repetiu Roberto. Eu ouço-o.

—Meu caro, disse sir Williams, depois de alguns momentos de concentração de espirito, ha seis annos, tinha eu então vinte e oito, voltei a Londres depois de ter feito uma viagem ao Cabo Norte.

Eu não sei qual foi o detractor do clima do Tamisa, que disse que o anno inglez se compõe de oito mezes de inverno e quatro mezes de mau tempo. Devo confessar que com raras excepções deixa de ser verdadeiro esse dito, e por esse motivo me conservo o menos tempo possivel no meu palacio de West-End.

No anno a que me referi, eu tinha realmente pressa de contemplar, por cima da minha cabeça, um ceu azul e um sol deslumbrante.

Quando se passaram muitos mezes nos gèlos da Laponia succa, os neveiros e as chuvas são um supplicio terrível.

Um mau fado parecia, porém, disposto a obrigar-me a permanecer em Londres. Já duas vezes eu tinha dado as minhas ordens para partir, já duas vezes eu me julgava no caminho de Napoles e duas vezes me vi obrigado a renunciar a esse prazer.

Um serviço importante, reclamado por um amigo e que carecia da minha presença em Londres, foi o primeiro obstaculo.

O segundo, meu caro Roberto, foi uma doença de seis semanas que me obrigou a não sair da cama

Eu li em um livro do seculo dezesete que os medicos são uns individuos nascidos para virem contar puerilidades aos doentes até ao dia em que a natureza cura o paciente, ou até á hora em que os remedios o matam. Eu não quero mal-dizer d'essa numerosa classe social, mas recordando-me d'essa enfermidade vejo-me na coalição de confessar que aquillo tem os seus visos de verdade.

Eu conhecia tres medicos celebres que a meu vêr representavam tres membros da grande familia dos amigos.

O primeiro visitou-me porque eu lhe era util, o segundo porque não me estimava e o terceiro porque me aborrecia.

A consequencia d'essa amizade foi cahirem-me em casa todos tres logo que constou que eu tinha adoecido, e cada qual prodigalisar-me os thesouros da sciencia a duas libras por visita.

Vendo-os entrar no meu quarto, recordei-me do velho Horacio e disse commigo mesmo:

Que quereis que eu faça contra tres?

Todavia resignei-me a ouvir-lhes a dissertação.

Um sustentava que eu soffria de uma peritonite aguda, o outro descobriu todos os symptomas de uma nevrose, e o ultimo, invocando Hypocrates, asseverou que eu tinha um pleuriz. Depois de uma discussão demorada, todos tres concordaram que o caso era grave e que só elles poderiam salvar-me.

A verdade, porém, era que eu pagava uma divida á natureza por ter abusado das minhas forças physicas nas precedentes viagens. A machina carecia de repouso.

Apesar de todas as prescripções therapeuticas, eu deixei obrar o tempo e a natureza, e dois mezes depois estava em franca convalescença.

O meu amigo medico, que me detestava, veio então fazer-me uma visita; a ultima, com o pretexto de felicitar-se a si proprio.

—Doutor—disse-lhe eu, mando-o ao meu intendente para satisfazer-lhe as visitas,—o senhor parece-se com aquelle sachristão que depois de um sermão pregado por Bourdaloue e no meio das felicitações geraes dirigidas ao grande orador, exclamava: Bello sermão, meus senhores e fui eu que o preguei!»

O medico não voltou a vêr-me e estou convencido de que espera pela minha primeira doença para vingar-se da minha critica.

Em pouco tempo, meu caro, restabeleci a saúde physica, mas a saúde moral não melhorou.

Eu experimentava sensações esquisitas, e parecia-me que tinha o craneo vasio.

Uma tristeza pertinaz, um desanimo completo, um desgosto profundo e invencivel por tudo e por todos apoderou-se das minhas faculdades, ao passo que uma fraqueza geral me paralytava o corpo.

Dei ordem para não receber pessoa alguma. A palavra—prazer—causava-me nauseas. A febre da locomoção tinha passado, e cheguei até a sentir prazer em viver em Londres no inverno.

Finalmente, eu estava sob a pressão de um d'esses bellos e verdadeiros ataques de *spleen* que levam a vapor um homem no caminho do suicidio.

Era a primeira vez que a ideia da morte acordava no meu espirito e eu refugiava-me n'ella para fugir ao *spleen* como o naufrago se agarra á taboa de salvação. A maneira como meu pae e meu irmão tinham posto termo á vida contribuia para eu encarar o suicidio sob um aspecto favoravel.

Eu nem sequer luctava.

Sómente promettia a mim mesmo mostrar-me digno dos meus antepassados não me suicidando de uma maneira vulgar e banal.

Saber morrer é uma sciencia pouco commum e eu sou da opinião do jesuita que dizia que Deus tinha feito bem em collocar a morte no fim da vida, porque só assim havia tempo de nos prepararmos para morrer.

(Continúa.)



YAKOUTES

PASSATEMPO

ENIGMA

A	I	É	T	É	A	F	F	D	O	D	R	E	D	F
1	3	1	2	1	1	2	3	1	2	1	3	1	1	5

ALFREDO AUGUSTO LOBATO PIRES.

ENIGMA POR SUPPRESSÃO DE CONSOANTES

A. R. A. S.

.e .é .o

.e .a .i .a .a— .e .u .ci .o

E. .i .a .e .e .o .a .o.

.e .ão .ci .a .ue .cu .o .u .e

O .eu .o .o .e .a .a .o.

MARCO.

CHARADAS

É um emprego entre os turcos
Da mais distincta grandeza—1
Foi um modelo na terra
Do soffrimento e pobreza—1

É um triumpho que ao pejo
Amor mil vezes disputa,
Ficando amor quasi sempre
O vencedor d'essa lucta.

D. M. C. Q.

CHARADAS ELECTRICAS

As direitas e ás avessas nome—2
As direitas combate, ás avessas magistrado—2.

ZE-FUNE.